



ISSN: 2595-5713

Vol. 4 | Nº. 7 | Ano 2021

### **COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO**

**Alexandre António Timbane**  
**Alyxandra Gomes Nunes**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Jacimara Vieira dos Santos**  
**Marcos Carvalho Lopes**  
**Rodrigo Castro Rezende**

#### **Site/Contato**

#### **Editores**

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

Rodrigo Castro Rezende  
[rodcastrorez@gmail.com](mailto:rodcastrorez@gmail.com)

# **APRESENTAÇÃO - DOSSIÊ MIGRAÇÕES AFRICANAS: PLURALIDADE E MULTIPLICIDADE**

---

Para minha trajetória como pesquisador das migrações internacionais, uma estada de 10 dias no México, em 2019, foi algo transformador. Além das belezas e pontos de interesse maravilhosos que pude conhecer, como os deslumbrantes Museu Nacional de Antropologia, na Cidade do México, e Horno 3, em Monterrey, a viagem me levou a pensar fenômenos migratórios de forma mais crítica.

Tenho me dedicado aos fluxos migratórios africanos, mais especificamente aqueles que partiram da atual República Democrática do Congo para a Bélgica durante a década de 1990. Cheguei no México basicamente com o conhecimento sobre os fluxos migratórios centro-americanos e mexicanos para os Estados Unidos, que apreendi através da mídia. E com o que me deparei foi uma realidade muito mais dinâmica e complexa do que sempre havia lido em jornais e revistas. Quem visita o Museu do Noroeste, em Monterrey, aprende dentre outras coisas, que o estado do Texas, em terras estadunidenses, e o noroeste do México, são integrados, em termos econômicos e de políticas públicas. Isto faz com que haja uma migração sazonal e pendular pujante entre os dois países, abarcando, por exemplo, caminhoneiros que cruzam semanalmente a fronteira ou famílias mexicanas que, aos finais de semana, vão para cidades como a texana Corpus Christi para fazer compras. Estes fluxos, ordinários para quem está habituado com o contexto, e nada irregulares, parecem não serem retratados nas análises midiáticas produzidas sobre a realidade migratória na região: há uma narrativa quase que uníssona sobre os migrantes de status migratório irregular que cruzam a fronteira sul dos Estados Unidos da América.

**MIGRAÇÕES AFRICANAS: PLURALIDADE E MULTIPLICIDADE**Felipe Antônio Honorato <sup>1</sup>

Em frente à Catedral Metropolitana da Cidade do México são comuns migrantes centro-americanos que fazem a travessia até os Estados Unidos a pé, ficam abordando as pessoas que visitam este que é um dos principais pontos turísticos da capital mexicana, ou apenas estão ali praticando sua fé, tentando conseguir qualquer ajuda, e alguns trocados para prosseguirem em sua marcha até o norte. Ter contato com essas pessoas é algo que se contrapõe à frieza das estatísticas, à desumanização muitas vezes promovida pelos meios de comunicação que retratam, em várias ocasiões, estes imigrantes irregulares como invasores, e à retórica de alguns governos que os veem como inimigos nacionais.

As inquietudes proporcionadas por esta viagem ao México (ainda que o país fique na América Latina), aliadas à minha breve experiência como pesquisador das migrações africanas são as principais motivações para a existência deste dossiê, intitulado “migrações africanas: pluralidade e multiplicidade”: mesmo que fenômenos distintos, as migrações mexicanas e centro-americanas para os Estados Unidos são retratadas, pela mídia, de forma parecida como a que as migrações africanas são narradas. O local ocupado por elas no imaginário popular também é próximo: a impressão é de que os fluxos migratórios africanos são homogêneos, exclusivamente partindo de África em direção à Europa, Américas e Ásia à procura de oportunidades ou buscando exílio de guerras e calamidades. Porém, a verdade é que a África é um continente múltiplo no que tange aos aspectos geográfico e cultural, e diverso também em seus regimes políticos. Nos fluxos migratórios o panorama não é menos plural: pode-se falar de movimentos imigratórios e emigratórios, deslocamentos internos e externos, sazonais ou permanentes, nos mais diferentes períodos históricos.

Por exemplo:

1) De acordo com Igor Kopytoff<sup>2</sup>, boa parte da população que hoje ocupa a África subsaariana tem suas origens na porção norte do continente, sendo fruto, então, de fluxos migratórios intra-regionais ocorridos em séculos antes de Cristo. Assim disse o antropólogo:

“A reconstrução da distribuição ancestral da família africana de línguas (Greenberg 1970), impulsionada pelos dados histórico-culturais (Murdock 1959) e pela arqueologia (Clark 1970, Fagan and Oliver 1979), sugere que no início do Neolítico norte-africano, um período compreendido entre 5.000 a.c. e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Mudança Social e Participação Política, Mestre em Estudos Culturais e Bacharel em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade de São Paulo (USP); Docente da Faculdade IESAMP.

<sup>2</sup> KOPYTOFF, Igor. *The African Frontier. The Reproduction of Traditional African Societies*. Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

3.500 a.c., aproximadamente, a maior parte das populações originárias dos grupos que hoje ocupam a África Sub-Saariana estavam concentradas na parte nordeste do continente, mais especificamente na atualmente desértica, mas antigamente fértil faixa do Saara-Sahel que se estende da parte ocidental à parte oriental do continente” (KOPYTOFF, 1989, p. 9).<sup>3</sup>

O autor complementa afirmando que:

“Uma segunda leva de ocupação, que se iniciou durante o primeiro milênio antes de Cristo, tomou a parte sudeste do continente por meio das florestas centrais, levando os falantes das línguas Bantus a se espalharem pela maior parte do até então muito pouco habitado terceiro quarto do sudeste africano” (KOPYTOFF, 1989, p. 10).<sup>4</sup>

2) Caminhando alguns milênios no tempo, chegaremos ao colonialismo mercantil, período da descoberta do “Novo mundo” e ocupação, exploração e espoliação das Américas. Esse foi o período também da escravidão mercantil: de África saíram, entre os séculos XVI e XIX, 12,5 milhões de escravizados<sup>5</sup> para trabalharem forçosamente nos plantations de cana de açúcar e café brasileiros, nas grandes fazendas de algodão do sul dos Estados Unidos, na produção de açúcar das Antilhas, e etc.

3) Durante a fase imperial do colonialismo, em que alguns países da Europa ocidental invadiram e exploraram territórios em África e no sudeste asiático, a mineração foi uma atividade econômica intensamente desenvolvida na África central e na África Austral. Dentro destas macrorregiões, houve muito movimento migratório de trabalhadores. No mês de setembro de 2021 foi realizado pelo Laboratório de Estudo em História da África (LEHAF), da Universidade Federal de Santa Catarina, o evento “África em imagens - jornadas de estudos do LEHAF”. Neste evento, Marlova Fritzen fez uma exposição sobre a análise, através de imagens, de fluxos migratórios sazonais de moçambicanos para as minas de Transvaal, região pertencente a África do Sul, em tempos coloniais.<sup>6</sup> Como pesquisador do histórico migratório da atual República Democrática do Congo, sei que o Congo Belga, para suprir a necessidade de

<sup>3</sup> Tradução do autor. Versão original: “The reconstruction of the ancestral distribution of African language families (Greenberg 1970), bolstered by culture-historical data (Murdock 1959) and archeology (Clark 1970, Fagan and Oliver 1979), suggests that from the beginning of the North African Neolithic, sometime about 5000 B.C., and until 3500 B.C., or so, most of the populations ancestral to the present population of Sub-Saharan Africa were concentrated in the northern half of the continent, specifically in the now barren but then fertile Saharan-Saharan band that spans the continent from east to west.”.

<sup>4</sup> Tradução do autor. Versão original: “A second spurt in the occupation of the southern part of the continent by way of the central forests began during the first millennium B.C., leading to the spread of speakers of Bantu languages throughout most of the then very sparsely inhabited southern third of Africa.”.

<sup>5</sup> ILUSTRÍSSIMA CONVERSA: Racismo no Brasil não é só herança da escravidão, diz antropóloga. Entrevistador: Uirá Machado. Entrevistada: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Folha de S. Paulo, 11 jun. 2018. Podcast. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/racismo-no-brasil-nao-e-so-heranca-da-escravidao-diz-antropologa.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

<sup>6</sup> Mais informações sobre o referido evento podem ser acessadas no site: [https://lehaf.paginas.ufsc.br/?page\\_id=1793](https://lehaf.paginas.ufsc.br/?page_id=1793)

trabalhadores em suas minas, recebeu pessoas de Ruanda-urundi, território vizinho e também tutelado pela Bélgica.<sup>7</sup> Kinshasa, que em tempos coloniais se chamava Lèopoldville e até hoje é a capital do país, tornou-se, naquele momento histórico, um importante centro industrial regional, e abrigou também ganeses, dentre outras nacionalidades.

4) No período colonial não houveram apenas migrações intra-africanas. Voltando ao caso congolês, o Congo Belga tinha, em 1959, ano anterior a independência, aproximadamente 89.000 belgas vivendo na colônia<sup>8</sup>; os belgas não compunham o único grupo significativo de europeus morando no território naquele momento: havia grandes comunidades de gregos, italianos e portugueses na colônia centro-africana.<sup>9</sup>

5) A presença de europeus em África, no entanto, não é um fato restrito ao colonialismo imperial - é um fenômeno muito anterior. Portugueses, por exemplo, estão no território correspondente ao antigo Reino do Kongo e adjacências desde o século XV. Missionários e exploradores europeus, como o escocês David Livingstone, há muito transitam por estas terras.

6) A presença asiática no continente africano também é de longa data. Ingleses tinham o costume de promover o intercâmbio migratório entre suas colônias e protetorados, o que fez com que durante o século XX muitos indianos, por exemplo, chegassem a territórios como o de Buganda e Zanzibar. No Zaire, antigo Congo Belga, libaneses, chineses e indianos formaram as principais comunidades estrangeiras do país após 1960, ano da independência em que as comunidades europeias, os mais significativos grupos de estrangeiros até então, evadiram do país praticamente em sua totalidade.<sup>10</sup>

Poderia continuar aqui dando uma infinidade de outros exemplos que ilustram muito bem a diversidade e complexidade dos fluxos migratórios que partem ou tem como destino África, ou ocorrem dentro de territórios africanos: não cheguei a citar as movimentações de grupos nômades ou seminômades que acontecem no continente; ou a fuga de cérebros africanos - na mesa redonda de número seis (meio-ambiente e saúde em Moçambique: desafios permanentes) do evento “I Encontro Internacional dos Estudos sobre Moçambique nas diversas perspectivas: comemorações acadêmico-científica dos 46 anos da independência de Moçambique”, promovido neste ano de 2021 pelo Grupo de Pesquisa África do Século XX, em seu canal no YouTube,

---

<sup>7</sup>HONORATO, Felipe Antonio. Ocupação, exploração e gênero no Congo Belga: O caso da música popular congoleza em Lèopoldville. In: Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política. Anais... Curitiba(PR) UFPR, 2020.

<sup>8</sup>FLAHAUX, Marie-Laurance; SCHOU MAKER, Bruno. Democratic Republic of the Congo: a migration history marked by crises and restrictions. Disponível em < <https://www.migrationpolicy.org/article/democratic-republic-congo-migration-history-marked-crises-and-restrictions> >. Acesso em: 24 jul. 2018.

<sup>9</sup>HONORATO, Felipe Antonio. Ocupação, exploração e gênero no Congo Belga: O caso da música popular congoleza em Lèopoldville. In: Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política. Anais... Curitiba(PR) UFPR, 2020.

Cassamo Ussemame Mussagy, um dos palestrantes, defendeu que “quase 95 ou 97%” dos pesquisadores moçambicanos que fazem pesquisa de ponta na área da biotecnologia encontram-se fora do país e que o Brasil é um dos lugares que mais formam biotecnólogos moçambicanos<sup>11</sup>; ou até mesmo a ida de profissionais brasileiros para o continente - de executivos em direção a países como Moçambique e Angola, à serviço de grandes empresas nacionais, como a mineradora Vale do Rio Doce e a construtora Odebrecht, ou de pastores ligados a igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus.

O panorama vai muito além dos limites que cerceiam o imaginário popular e o objetivo do dossiê é justamente mostrar isto: ele acolhe pesquisas originais de estudantes, professores, pesquisadores e outros interessados que abordam debates sobre migrações africanas, e que vislumbram a diversidade de fluxos que compõem tal expressão e fomentam a discussão sobre as migrações africanas para além dos estereótipos e do senso comum.

O dossiê é formado por quatro artigos. Dois deles tratam especificamente sobre o contexto migratório argelino: “**Provisoriedade, neutralidade política e negação da existência: o imigrante argelino no filme Samba**”, de Anselma Garcia de Sales, tem como objetivos a análise das noções de provisoriedade e neutralidade política na explanação feita por Abdelmalek Sayad, acerca das três idades emigratórias de argelinos para a França, como também abordar a relação entre essas noções de Sayad e a negação da identidade argelina efetuada pela personagem Walid, do filme Samba, de 2014; “**Os efeitos da colonização nos fluxos migratórios contemporâneos da Argélia para a França**”, escrito por Guilherme Silva Pires de Freitas, trata das consequências que a colonização francesa na Argélia, entre os séculos XIX e XX teve nas recentes ondas migratórias do país norte africano para o europeu, e dos ressentimentos entre estes dois Estados e seus cidadãos que o período causou.

Completam o dossiê o trabalho elaborado por Karine de Souza Silva, João Barbosa Pina Pereira e Patrícia Nabuco Martuscelli - “**Infância, racismo e memórias coloniais: o impacto de uma membrana migratória seletiva em crianças migrantes desacompanhadas na Itália**” - que aborda como o racismo presente na sociedade italiana, fruto de sua experiência colonial, impacta diretamente a decisão sobre quais indivíduos são bem-vindos e aqueles que constituem uma ameaça, sendo, portanto, evitados a todo custo no país, e verifica se há uma restrição do ingresso de crianças desacompanhadas não brancas no seu território; e o artigo de Paulino Oliveira do Canto, intitulado “**Mobilidades, Fronteiras e o Processo de Cooperação e**

---

<sup>10</sup> FLAHAUX, Marie-Laurance; SCHOU MAKER, Bruno. Democratic Republic of the Congo: a migration history marked by crises and restrictions. Disponível em < <https://www.migrationpolicy.org/article/democratic-republic-congo-migration-history-marked-crises-and-restrictions> >. Acesso em: 24 jul. 2018.

<sup>11</sup> ÁFRICA DO SÉCULO XX. Mesa redonda 6: Meio ambiente e saúde em Moçambique: desafios permanentes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QEO6AQLp4AY> . Acesso em: 01 out. 2021.

**Integração Regional na África Ocidental**”, que discorre sobre mobilidades, fronteiras e integração regional na África Ocidental, privilegiando discussões teóricas, metodológicas e epistemológicas africanas.

Apreciem a leitura!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁFRICA DO SÉCULO XX. Mesa redonda 6: Meio ambiente e saúde em Moçambique: desafios permanentes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QEO6AQLp4AY> . Acesso em: 01 out. 2021.

FLAHAUX, Marie-Laurance; SCHOUMAKER, Bruno. Democratic Republic of the Congo: a migration history marked by crises and restrictions. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/democratic-republic-congo-migration-history-marked-crisis-and-restrictions> . Acesso em: 24 jul. 2018.

HONORATO, Felipe Antonio. Ocupação, exploração e gênero no Congo Belga: O caso da música popular congoleza em Léopoldville. In: **Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política**. Anais... Curitiba (PR) UFPR, 2020.

ILUSTRÍSSIMA CONVERSA: Racismo no Brasil não é só herança da escravidão, diz antropóloga. Entrevistador: Uirá Machado. Entrevistada: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Folha de S. Paulo, 11 jun. 2018. *Podcast*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/racismo-no-brasil-nao-e-so-heranca-da-escravidao-diz-antropologa.shtml> . Acesso em: 20 ago. 2020.

KOPYTOFF, Igor. **The African Frontier. The Reproduction of Traditional African Societies**. Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

**Felipe Antonio Honorato.**